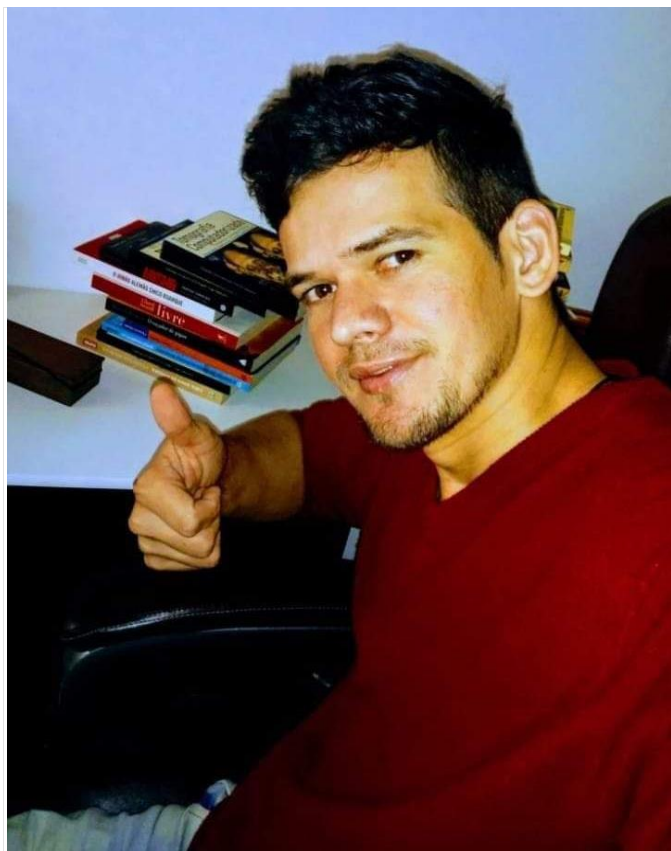


Vidas Marcadas: *Uma Busca
Profunda Por Respostas.*



Sobre o Autor

Tiago Todescatto nasceu em 1986, no calor abrasador do estado da Bahia, onde as raízes do sertão se entrelaçam com as histórias de vida de seu povo. Desde cedo, conviveu com as diversas fases do sertão, testemunhando a

dureza da falta d'água, da escassez de comida e das secas implacáveis que moldam o caráter e a resistência dos habitantes da região.

Com sua mente inquieta e seu coração cheio de histórias por contar, Tiago descobriu desde cedo sua paixão pela escrita. Aos 9 anos de idade, já rabiscava textos e poemas nas paredes de sua casa no nordeste baiano, deixando fluir sua imaginação fértil e sua sede de expressão.

Aos 21 anos, em busca de novos horizontes e oportunidades, Tiago partiu rumo à agitada São Paulo Capital, mais precisamente na região do Ipiranga. Lá, mergulhou em um mundo de contrastes e diversidade cultural, onde as vivências do nordeste se encontravam com os ritmos frenéticos da metrópole.

Enquanto cursava faculdade de Radiologia, Tiago nunca abandonou seu sonho de escrever romances e histórias que ecoassem as tradições e os valores de sua terra natal. Movido pela nostalgia das lembranças do sertão e pela inspiração encontrada nas ruas de São Paulo, ele mergulhou de cabeça na arte da escrita, buscando dar voz aos personagens e cenários

que povoavam sua imaginação desde a infância.

Hoje, Tiago Todescatto continua a residir em São Paulo, onde concilia sua carreira profissional com sua paixão pela escrita. Seus romances transportam os leitores para um universo rico em emoções, onde as cores vibrantes do sertão se misturam com os desafios e as alegrias da vida urbana. Com uma narrativa envolvente e personagens cativantes, Tiago convida seus leitores a embarcarem em viagens emocionantes através das páginas de seus livros, onde a magia da literatura encontra o calor humano do sertão.

Vidas Marcadas: *Uma Busca*
Profunda Por Respostas.

Escrito por
Tiago Todescatto



Clube de autores Editorial

Vidas Marcadas: Uma Busca Profunda Por Respostas 6

Título: Vidas Marcadas: Uma Busca Profunda Por Respostas.

Escrito por Tiago Todescatto

© Copyright – 2024 – 1ª Edição

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, acontecimentos e incidentes são todos produtos da imaginação do autor ou forma usados de modo ficcional. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, acontecimentos ou lugares é mera coincidência.

Clube de Autores Editorial Ltda.

São Paulo/SP

(11) 9 4048 – 3684

Capa e Editoração – Tiago Todescatto

Revisão – Tiago Todescatto

Impressão – Gráfica Clube de Autores

**Todescatto, Tiago – São Paulo/SP – Ficção Brasileira.
ISBN: 9798321260654**

Em memória da minha Avó
Joelina Maciel

Viver é melhor que sonhar.

BELCHIOR

Prólogo: Nas Trilhas do Sertão

Nos confins áridos do sertão nordestino, onde o sol queima a terra “até os ossos” e o vento sussurra histórias antigas entre os espinhos do mandacaru, um pequeno povoado repousa em meio à vastidão da caatinga. É ali, entre casas de barro e ruas de poeira, que se desenrola uma saga marcada pela coragem, pela dor e pela esperança.

Nesse cenário árido e implacável, viveu uma jovem chamada Ana Clara, a Branca, cuja história se entrelaça com as lendas e os mistérios dessas terras áridas. Aos 18 anos de idade, Branca foi morar na cidade com os irmãos, Miguel e Pedro, jovens trabalhadores e moldados pela dureza da vida no sertão.

Juntos, enfrentaram os desafios impostos pela natureza hostil e pelas lembranças e ameaças dos cangaceiros que assassinaram seus pais.

A paz frágil dos povoados era constantemente ameaçada por uma série de eventos perturbadores: ataques misteriosos, desaparecimentos inexplicáveis e a ascensão de

um delegado corrupto que servia aos interesses dos bandidos que aterrorizavam a região. Em meio ao caos crescente, Branca, junto ao seu amado Otto e seu amigo Renato embarcaram em uma jornada de coragem e determinação para desvendar os segredos sombrios que assombravam suas vidas em busca de respostas e justiça relacionadas a morte do seus pais.

Assim se inicia a história desses jovens sertanejos, cujas vidas se entrelaçam em uma teia de mistério, aventura e tragédia. Uma história de luta e superação, onde a voz interior, o amor, a lealdade e a esperança se mostram como as únicas armas capazes de enfrentar as trevas que ameaçam engolir suas vidas, seus lares e suas famílias.

Capítulo I

Numa tarde abafada de 1979, a poeira pairava no ar como um manto árido sobre o pequeno povoado Nova vista, onde Ana Clara, carinhosamente chamada de "branca", enfrentava os desafios diários do sertão junto a seus pais. A seca castigava a terra, e o povoado, já humilde, via seus recursos escassos se esgotarem.

Branca era como uma flor bravamente desabrochando em meio ao árido solo do sertão. Sua presença era uma sinfonia de contrastes, onde a delicadeza se entrelaçava com a selvageria da terra árida. Seus cabelos longos e escuros eram como a própria noite do sertão, onde a escuridão se fundia com a luz das estrelas, e cada fio era uma sombra suave dançando ao ritmo dos ventos secos que sopravam pelas terras ressequidas, capturando a essência da vida em um cenário de desolação.

Seus olhos, grandes e castanhos, refletiam o céu escaldante do meio-dia, contendo toda a profundidade e mistério das vastas planícies que se estendiam diante dela. Cada pestana era uma franja de grama balançando suavemente

ao vento, enquanto seu olhar transmitia a sabedoria antiga dos velhos carvalhos que resistiam bravamente ao calor abrasador.

O rosto de Branca era uma tela pintada com as cores da terra ressequida: as maçãs do rosto rosadas como a luz de fundo do amanhecer, as sardas delicadas espalhadas como as estrelas pontilhando o firmamento noturno. Seus lábios, suaves e rosados, eram como pétalas de rosa desabrochando em meio ao deserto, exalando uma fragrância doce e envolvente que inundava os sentidos.

Seu sorriso, radiante e sincero, era como uma fonte de água fresca brotando em um oásis escondido, trazendo vida e esperança para aqueles que dela se aproximavam. Era uma promessa de renovação daquelas terras marcadas pela aridez e pela desesperança, uma luz brilhante que iluminava os corações sombrios com sua alegria contagiante.

Branca era a personificação da força delicada e da beleza selvagem do sertão, uma flor resistente que desafiava as adversidades da vida com sua determinação inabalável e sua alma inquebrável. Era um lembrete de que,

mesmo nos lugares mais áridos, a vida encontra uma maneira de florescer, espalhando sua beleza única e efêmera para todos aqueles que têm a sorte de testemunhá-la.

Os dias de Branca transcorriam em meio às obrigações domésticas, onde ela se entregava de corpo e alma para auxiliar sua mãe, Dona Maria, a enfrentar os desafios implacáveis da escassez. Enquanto isso, Francisco, ou Seu Chico como era conhecido, dedicava-se incansavelmente aos trabalhos da roça, desafiando a aridez persistente do sertão, que teimava em resistir aos esforços de cultivo.

A água doce, um bem tão precioso, era quase uma miragem naquele cenário desolador. A maioria se contentava com a água salobra para lavar roupas e pratos. Nos tanques quase vazios, com a pouquíssima água doce da última chuva do ano anterior que restava nos reservatórios eles matavam a sede. Era comum, tanques ao lado das casas, onde a chuva que caía nos telhados das casas escorriam pelas calhas e enchiam esses reservatórios nos tempo de chuva. Mas a seca era severa e a água já era mínima. Os animais definham, e o lamento dos cachorros e gatos sonolentos ecoavam pelas

ruas empoeiradas, sob as poucas árvores que ainda conservavam suas folhas.

Mesmo diante de todas as dificuldades, a comunidade tentava manter a esperança viva. As conversas à sombra eram permeadas por histórias de tempos melhores, quando a terra era fértil e a água das chuvas eram abundantes. Contudo, naquela realidade, a esperança era tão escassa quanto a chuva que teimava em não cair.

Ana Clara, apesar de jovem, carregava consigo uma determinação que transcendia sua idade. Em suas mãos calejadas, a força de uma geração que enfrentava o deserto de terras secas com esperança de dias melhores. O olhar castanho da jovem guardava sonhos que se misturavam com as nuvens de poeira que flutuavam no ar seco.

E assim, entre os desafios impostos pela natureza implacável, Ana Clara, Dona Maria, Seu Chico e seus outros dois filhos Miguel e Pedro enfrentavam juntos aquele cruel ano de 1979, com a esperança de que um dia a chuva voltaria a cair sobre aquelas terras sedentas. O destino daquela família e da comunidade estava

entrelaçado com as nuvens que, quem sabe, um dia trouxessem alívio para o solo ressequido.

— Branca, vem ver uma coisa que estou preparando e que você vai adorar - chamou Dona Maria da janela do interior da modesta cozinha sem reboco nas paredes, com um fogão de lenha com chaminé, uma mesa de madeira feita de Jurema, uma árvore muito conhecida no Nordeste e comumente utilizada pelos nordestinos para fazer móveis rústicos devido a sua durabilidade e resistência.

Ana Clara, com as mãos ainda cheias de poeira por conta das atividades que vazia no quintal da casa, apressou-se para atender ao chamado de sua mãe. Ao entrar na cozinha, o cheiro gostoso e temperos caseiros envolveu o ambiente abafado. Um pequeno rádio de pilha sobre a mesa tocava a canção de Belchior, que dizia: "Amar e mudar as coisas me interessa mais".

Dona Maria sorria enquanto mexia delicadamente em uma panela, concentrada nos aromas que se desprendiam dos ingredientes. Seus olhos brilhavam com uma

luz especial, como se as memórias dos tempos mais férteis a envolvessem.

— Mãe, o que está preparando? Pelo cheiro já sei que é maravilhoso! - disse Ana (Branca), animada.

Dona Maria olhou para a filha com ternura, guardando as recordações de seus pais em cada ruga de seu rosto.

— Estou fazendo a receita da sua vovó, aquela que ela fazia nos tempos em que as colheitas eram fartas. Lembra, quando as terras eram verdes de tanto milho e feijão de corda e as árvores enchiam nosso quintal de sombra? - disse Dona Maria, com um brilho nostálgico nos olhos.

Ana sorriu, imaginando as histórias que sua mãe contava sobre os tempos passados dos seus pais e avós, quando a seca não castigava tão impiedosamente a terra.

— Ah, mãe, tantas lembranças preenchem minha mente, desde os meus cinco anos de idade até hoje, e cada uma delas é preciosa. Contudo, nada se compara à grandiosidade de

tê-la ao meu lado, meu porto seguro, meu cabelinho de algodão doce, brincou Ana.

Dona Maria assentiu com os olhos emocionados, continuando a mexer a panela com carinho.

— E era mesmo, minha filha. Mas não podemos perder a esperança de que dias melhores virão. Ela pausou por um momento, olhando para Ana Clara com afeto. — Enquanto isso, precisamos encontrar alegria nas pequenas coisas, como esta comida que a vó me ensinou quando eu tinha a sua idade. Nem é tanto tempo assim, não tem nem 60 anos. — disse Dona Maria, com um sorriso travesso.

As duas gargalharam, e Ana se aproximou para ajudar a mexer a panela. A cozinha se encheu de risadas e conversas animadas enquanto mãe e filha, juntas, preparavam a deliciosa comida.

O pai de Ana Clara, Seu Chico, apareceu na pequena janela azul da cozinha, com a curiosidade estampada no rosto marcado pelo sol. Seus olhos, perspicazes como os de quem vive em sintonia com a natureza, buscaram